

CULTURA PORTUGUESA: QUAL?

A questão da cultura portuguesa actual pressupõe a prévia análise do que é Portugal. Só há Cultura portuguesa, como realidade viva e dinâmica, por haver Portugal. E Portugal é uma entidade histórica com raízes e com projectos, é passado e é futuro. Para mim, a Cultura é antes do mais o verdadeiro cimento unificador de uma comunidade. Daí que quanto mais disseminada nos interstícios sociais estiver a cultura mais coesa seja a comunidade concreta.

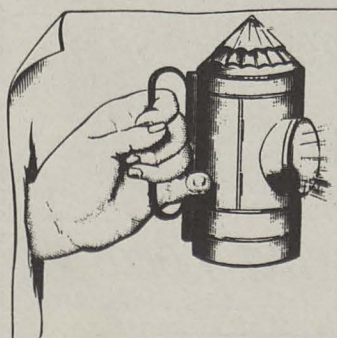
Penso por isso que é necessário tentar examinar as raízes do País que somos para, mergulhando nelas, encontrarmos a linha de rumo a partir da qual, em constante criação, possamos edificar o nosso futuro. Mas se Portugal é passado revivificável e a Cultura é memória, também Portugal é um campo aberto de possibilidade e a Cultura é projecto.

Só que a situação actual do nosso País é a este título lamentável. O passado está sepultado e não recordado. Longe de buscarmos na nossa História os exemplos, os estilos e a grandeza, parece que nos envergonhamos das nossas glórias passadas em vez de nos envergonharmos da nossa ignorância. E o ensino que é ministrado aos nossos filhos só acentua este pendor suicida. Dentro de duas gerações, a continuarem as coisas como estão, seremos um País sem raízes, um povo que se não conhece.

E o futuro por sua vez não está melhor. O futuro é ou devia estar a ser feito no presente. Para isso indispensável se torna responder a uma singela pergunta: Portugal, para quê? E a chateza quotidiana dos nossos políticos incultos, o pretensionismo dos nossos intelectuais, a ignorância dos nossos professores, revelam que quase ninguém — à direita ou à esquerda — está a reflectir com seriedade sobre os nossos caminhos na História.

Penso por tudo isto que a Cultura portuguesa não existe. Em Portugal há fenómenos culturais, há homens de Cultura, há ideias dispersas, investigações ignoradas, projectos parcelares. Não há porém uma unidade que dê um sentido sistemático a tudo isso. E não há, repito, porque não se estuda nem se medita o passado e porque se não pensa nem antecipa o futuro.

Saído de um período traumático como foi — e teria sempre





de ser — um momento de descolonização com regresso a fronteiras territoriais de há seis séculos, Portugal vive uma crise de identidade bem mais profunda que os desnacionalizados dirigentes políticos e intelectuais sequer imaginarão. Talvez nunca na nossa História tenha sido tão importante como agora a existência de um profundo debate cultural sobre o novo sentido da nacionalidade após a mutação histórica que sofremos. Talvez nunca tenha sido tão indigente o debate cultural em Portugal.

Não pensamos o futuro, não nos preparamos para enfrentar os desafios que inevitavelmente trará. Somos um povo sem dinamismo interno e corremos o risco de nos tornarmos em loucos peregrinos a vaguear na História sem bem sabermos como, porquê e para onde vamos. É por isso que o pessimismo me tem de invadir. É que na inexistência de Cultura Portuguesa hoje, antevejo a inexistência de Portugal, amanhã. Se as civilizações são mortais, porque razão teriam os países a garantia de eternidade?

RAIZ E UTOPIA

20

UM NÚMERO BALANÇO

*Republicação do
Manifesto "Raiz e Utopia"
Depoimentos
dos fundadores
e colaboradores
desde a primeira hora*